

ORQUIDÁRIO

Livro Tombo n.º R. 07

Obra n.º



Biblioteca

ORQUIDÁRIO

Revista Oficial
da

OrquidaRIO

VOL. 2

Jul/Set 1988

N. 3



R.07

OrquidaRIO

DIRETORIA

Presidente	Álvaro Pessoa
Presidente	Edward Kilpatrick
Secretário	Carlos Eduardo B. Pereira
Tesoureiro	Raimundo Mesquita
Diretor Técnico	Francisco Miranda
Diretor Social	Hans Frank
Diretor de Exposições	Helena Eyer - Roberto Agnes
Editor	Francisco Miranda
Comissão Editorial	Álvaro Pessoa
	Maria Cristina de C. Miranda
	Carlos Eduardo B. Pereira

NOTIFICAÇÃO AOS CONTRIBUINTES

A Revista ORQUIDÁRIO é publicada trimestralmente pela OrquidaRIO (Orquidófilos Associados do Rio de Janeiro), e é mandada a todos os seus Associados e demais Associações afins. Cópias avulsas da Revista podem ser adquiridas diretamente da OrquidaRIO por 1/4 OTN.

Artigos a serem submetidos para consideração e posterior publicação são aceitos pelo Editor a qualquer tempo. Manuscritos devem ser datilografados preferencialmente em espaço duplo e papel A4. Os manuscritos aceitos pela Comissão Editorial serão publicados na primeira oportunidade. Fotos preto e branco, desenhos e esquemas junto aos artigos são aceitos para publicação (no caso de fotografias, se possível fornecer o nome do fotógrafo). Artigos a serem publicados em uma edição específica, incluindo propaganda, devem ser recebidos pelo Editor até as seguintes datas, que serão rigorosamente observadas:

Mês de edição	Data final de recebimento
Março	15 de janeiro
Junho	15 de abril
Setembro	15 de julho
Dezembro	15 de outubro

Taxas para publicação de anúncios:

Página inteira	20 OTN
Meia página	10 OTN
Quarto de página	5 OTN

A OrquidaRIO tentará assegurar a confiabilidade dos anúncios publicados na Revista ORQUIDÁRIO, entretanto, não poderá assumir responsabilidade por quaisquer transações entre anunciantes e clientes.

Toda correspondência relativa à Revista ORQUIDÁRIO deve ser enviada para:

Francisco E. Miranda - Editor
OrquidaRIO
Rua Sorocaba, 122 - Botafogo
22271 Rio de Janeiro - RJ

A OrquidaRIO está aberta à participação de todos. Os associados terão direito à Revista ORQUIDÁRIO e a participar de todas as atividades sociais da OrquidaRIO. A taxa é trimestral no valor de 1 OTN.

ÍNDICE

CONTEÚDO

• Laelias Brasileiras - Noções, Espécies e Cultivo - 7	Francisco Miranda	46
• O gênero <i>Oncidium</i> - 3	Carlos E. Pereira	53
• Híbridos de Cattleyas Brasileiras e seus Híbridos - 1	Álvaro Pessoa	55

NOTAS

Capa	43
Conteúdo do Próximo Número	44
Errata	44

COLUNAS

Editorial	45
-----------	----

CAPA

Laelia milleri é uma das espécies tratadas na última parte da série sobre espécies brasileiras de *Laelia*. Além do compacto hábito vegetativo, que a torna ideal para cultivo quando espaço é uma limitação, a espécie produz flores entre as mais bonitas da seção Parviflorae, as chamadas Laelias rupícolas. Estas são bem abertas, possuem excelente substância, e seu colorido varia de um vermelho sanguíneo, como em *L. milleri* 'Coral' aqui ilustrada até um alaranjado claro, que entretanto é puro. O labelo bem aberto desta espécie evita um dos problemas principais quando se usa Laelias rupícolas em hibridação, que é a transmissão de labels fechados, voltados para trás.

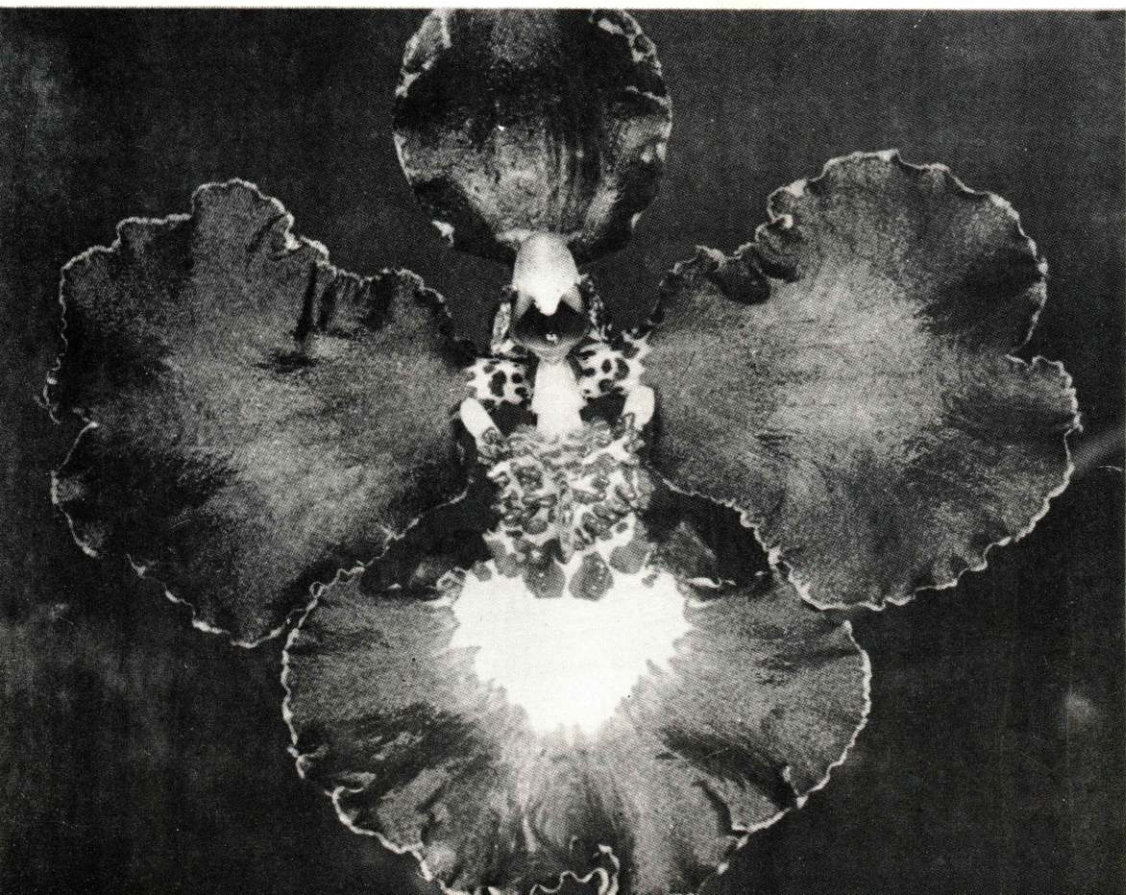
ERRATA

Por falha da Edição, dois êrros apareceram no número anterior: 1- No título da parte 6 da série sobre *Laelias* Brasileiras, saiu "*Laelias* Brasileiras...-1"; leia-se "*Laelias* Brasileiras...-6"; 2- A figura da página 36, na parte de baixo, saiu sem legenda: a espécie ilustrada é *Oncidium loefgrenii*. O Editor pede desculpas e agradece a compreensão dos leitores.

CONTEÚDO DO PRÓXIMO NÚMERO

No próximo número, teremos a segunda parte do artigo a respeito de hibridação e hibridadores no Brasil, por Álvaro Pessoa; Carlos Eduardo Pereira continua sua série sobre *Oncidiums*, Cristina Miranda trata da nomenclatura de *Cyrtopodiums*, e finalmente Osmar Júdice, muito oportunamente, trata de nomenclatura, de modo geral e abrangente.

Oncidium enderianum



EDITORIAL

Boas novas para a orquidofilia carioca! Apenas dois anos após sua fundação, a OrquidaRio consegue atingir um dos seus principais objetivos, que coincidentemente vai de encontro a um sonho antigo da orquidofilia carioca, que é a criação de um orquidário público na cidade do Rio de Janeiro. O Governador do Estado do Rio de Janeiro, Wellington Moreira Franco, está para assinar o decreto instituindo o Parque da Chacrinha, em área localizada na junção da Rua Tonelero com a Ladeira do Leme, onde a OrquidaRio terá sua sede e orquidário. A sede associada ao orquidário é o melhor que uma associação orquidófila pode desejar, há já visto o exemplo de Santos, no litoral de São Paulo, onde esta combinação existe há décadas com sucesso. Este sonho é antigo no Estado do Rio de Janeiro, como pode ser constatado pela leitura de editoriais antigos na saudosa revista Orquídea, desde mais de um quarto de século atrás. Com isso a OrquidaRio vem mais uma vez cumprir seus desígnios de levar a orquidofilia carioca a seu lugar de destaque no cenário nacional.

Com relação às exposições, nesta segunda metade do ano a OrquidaRio terá além da já tradicional exposição no Rio Design Center, uma segunda a ser realizada em novembro, no São Conrado Fashion Mall. Isto é bom para que se teste o potencial de uma exposição em novembro no Rio de Janeiro. Como ainda existe uma pequena defasagem na data de edição da revista, podemos comentar algo a respeito da exposição do Rio Design Center, que foi um absoluto sucesso, como nos anos anteriores. Este ano, a exposição foi principalmente de fotografias expostas por Adhemar Manarini, de Campinas, e Álvaro Pessoa, da OrquidaRio. Isto também foi um teste, e o sucesso conseguido serviu para mostrar que criatividade, além de seriedade e trabalho de grupo, são a marca registrada da OrquidaRio, e são o caminho para o desenvolvimento e difusão da orquidofilia.

FRANCISCO MIRANDA

Laelias Brasileiras · Noções, espécies e cultivo · 7

FRANCISCO MIRANDA¹

Nesta última parte da série tratando das espécies brasileiras do gênero *Laelia*, serão abordadas as *Laelias* rupícolas com flores alaranjadas e vermelhas. Para que o tratamento seja completo, também será tratada a seção *Microlaelia*, que inclui apenas uma espécie.

Entre as espécies de flores vermelhas ou alaranjadas fazem do parte da seção *Parviflorae*, podemos considerar dois grupos distintos, o primeiro composto de espécies rupícolas realmente, incluindo *Laelia cinnabarina*, *L. cowanii*, *L. angereri* e *L. milleri*, entre as mais conhecidas. O segundo grupo é composto por espécies dendrícolas (epífitas), e inclui *L. harpophylla* e outras duas não tão claramente distintas, *L. kautskyana* e *L. brevicaulis*. A distribuição das espécies deste segundo grupo é nos Estados do Espírito Santo e Bahia, enquanto que a do primeiro inclui Rio de Janeiro, Minas Gerais e Espírito Santo. Os detalhes desta distribuição serão dados sob cada espécie.

Laelia cinnabarina

É uma das espécies de *Laelia* rupícola mais bem conhecidas, tendo sido descrita no século passado e estando em cultivo há muito tempo. Como consequência disto, tem sido muito usada para hibridação, quando passa seu colorido, forma estrelada e vigor. As plantas da espécie podem apresentar porte bem avantajado, já que muitas vezes crescem em locais protegidos por vegetação herbácea alta. Colocando em termos práticos, o pseudobulbo com a folha pode ultrapassar 50 cm de altura. A planta toda frequentemente apresenta coloração arroxeada e seu porte é bem ereto. As inflorescências podem alcançar até quase 100 cm de altura, e assim a planta florida alcança mais de 120 cm de altura. As flores são grandes, as maiores da seção *Parviflorae*, estreladas e raramente abrem-se totalmente a ponto de serem planas. As flores são bem espaçadas na inflorescência e possuem segmentos estreitos, e da mesma forma o labelo é comprido, estreito, bem encrespado e com lobo frontal voltado para trás. O colorido destas é alaranjado sólido a avermelhado, com labelo às vezes mais escuro. Seu habitat está nas serras do Estado do Rio de Janeiro onde campos gramíneos sobre solo granítico ocorrem. Sua época de floração inclui o inverno e a primeira metade da primavera.

¹Av. Edison Passos, 4490, Alto da Boa Vista, Rio de Janeiro 20531.

Laelia cowanii

Espécie muito semelhante à anterior, e desta forma nos deteremos nas características diferenciais. Para começar, as plantas, apesar de muito semelhantes, são inteiramente verdes. As inflorescências são igualmente altas, mas as flores são um pouco diferentes, ao menos para os botânicos. Estas podem ser ainda maiores que na espécie anterior, geralmente apresentam colorido mais claro e melhor substância. Os lobos laterais do labelo aqui são menores e são mais fechados, ao contrário da espécie anterior, quando geralmente se abrem. Seu habitat é na região central do Estado do Espírito Santo, mas prefere crescer entre arbustos de *Vellozia*, sobre lajes de granito. Sua floração é um pouco anterior com relação à espécie precedente.



Laelia cinnabarina

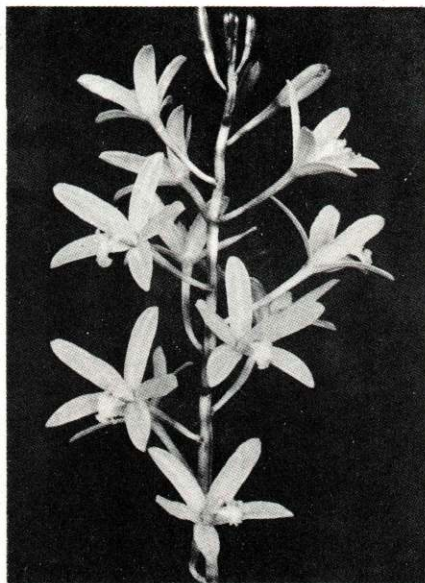
Laelia angereri

Espécie descrita há relativamente pouco tempo, e muito difícil de ser encontrada em seu habitat. Isto se deve ao fato de habitar o interior de vegetação arbustiva relativamente alta, e assim difícil de ser vista, mesmo com flores. Nesta tentativa de alcançar a luz e dispor suas flores, nestas condições, a espécie produz as mais altas plantas do gênero, podendo alcançar até 100 cm de altura, isto sem flores. Obviamente, em cultivo, isto é impossível de ocorrer, mas plantas menores não quer dizer cultivo inadequado. Muito pelo contrário, plantas mais compactas crescem e florescem melhor, e em cultivo o normal é que os novos brotos fiquem em torno de 40 cm de altura. As inflorescências, entretanto, continuam altas, frequentemente alcançando 60 cm de altura. As flores são numerosas, em média com 4 cm de largura em posição natural, o que equivale dizer não totalmente abertas, e seu colorido vai de alaranjado claro a vermelho intenso. As plantas apresentam coloração arroxeada e sua época de floração vai de agosto a novembro. Sua área de dispersão é nos arredores de Diamantina, no Estado de Minas Gerais.



Habitat de
Laelia angereri

Laelia angereri



Laelia milleri

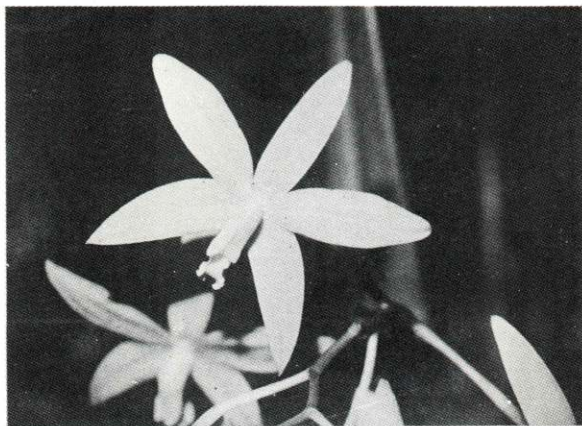
Espécie também descrita há relativamente pouco tempo, e atualmente extremamente rara pela destruição de seu habitat e coleta excessiva. Felizmente, poucos conhecem sua área de ocorrência. Neste grupo, é provavelmente a espécie mais importante horticulturalmente. Isto porque as plantas são bem baixas e robustas em relação a este porte baixo. Sob condições normais, estas

plantas pouco excedem a 10 cm de altura, e apresentam coloração fortemente arroxeadas. As inflorescências são altas com relação à planta, podendo atingir mais de 30 cm de altura. As flores, que se concentram no topo destas hastes, atingem 4 cm de largura e frequentemente são bem abertas. Sua coloração vai de alaranjado a vermelho intenso, e isto está sendo usado com vantagens em hibridação. Sua época de floração vai de outubro a dezembro.

Laelia harpophylla

As três espécies deste grupo são muito semelhantes vegetativamente, de modo que a descrição de uma vale para as três. Além disso, é discutível se são três espécies válidas ou apenas variedades de uma. Vegetativamente, são totalmente diferentes, se considerarmos todas as outras espécies de *Laelias* rupícolas. Os caules aqui não são espessados em pseudobulbos robustos e cônicos, mas em pseudobulbos cilíndricos, longos, e pouco espessos, mas são encimados por uma folha típica de *Laelia* rupícola, apenas mais plana e menos carnosa. As inflorescências são também atípicas se levarmos em conta que são curtas e bem mais baixas do que as folhas. As flores são bem compactadas na inflorescência e assim esta tem uma aparência "circular", quando produz muitas flores. A produção de mais de 10 flores não é rara, e o efeito é muito ornamental. As flores são estreladas como em *L. cinnabarina*, mas se abrem bem e são menores e com segmentos alargados com relação a esta citada. O labelo possui quilhas bem nítidas e coloração branca, enquanto as sépalas e pétalas são alaranjadas, sendo o contraste bem agradável. É outra das espécies conhecidas de longa data, tendo sido bastante usada em hibridação. Seu habitat é nas matas do Estado do Espírito Santo, e desta forma as plantas estão sujeitas a uma menor intensidade luminosa do que as congêneres rupícolas. Sua época de floração é o inverno e início da primavera.

Laelia kautskyana



Laelia kautskyana

Por muitos considerada como variedade da anterior, de fato seu "status" é discutível. Vegetativamente, é exatamente igual à anterior, apenas cresce em localidade diferente, mas não muito distante, no mesmo Estado. Cresce ainda no mesmo tipo de habitat. Assim, vamos às diferenças, pois é certo que existem. Para começar, a coloração é mais amarela do que alaranjada, e esta característica parece ser bem constante, o que, entretanto, de forma alguma é suficiente para separar uma espécie. Em segundo lugar, a época de floração é um pouco diferente, o que menos ainda serve para dar "status" de espécie à presente. O que parece mais consistente é a forma do lobo frontal do labelo, que em *L. kautskyana* é bem mais largo e menos encrespado. As sépalas e pétalas, também, geralmente são mais largas. A espécie é mais conhecida como *L. kautskyi*, mas este nome foi invalidamente publicado, e o próprio autor (Guido Pabst), fez a correção e re-descreveu validamente a espécie.

Laelia brevicaulis

Espécie relativamente obscura, devido ao fato de ser muito difícil de ser encontrada na natureza. De fato, atualmente se sabe que seu habitat é em matas no Estado da Bahia. Pelo exame de uma planta florida, pode-se concluir que: 1- a planta é exatamente igual às anteriores, apenas bem menos robusta; 2- a coloração das flores é a mesma que em *L. harpophylla*; 3- as inflorescências produzem poucas flores na haste e 4- o mais importante, como característica diferencial, é que o lobo frontal do labelo é diminuto, e à primeira vista parece inexistir. Os dados são insuficientes para precisarmos época de floração, por exemplo.

CONCLUSÃO

Este apanhado inclui todas as espécies bem esclarecidas do grupo, o que pôde ser feito por serem poucas. Em termos de cultivo, todas as espécies da secção Parviflorae, mesmo as epífitas tratadas no final, devem receber muita luz e desta forma podem ser cultivadas juntas. É um grupo de plantas em que a maior parte das espécies é muito tolerante ao calor e ao frio, e desta forma muito fáceis de cultivar.

Finalmente, para encerrar esta série à respeito das *Laelias* brasileiras, algo deve ser dito à respeito da secção *Microlaelia* e da única espécie confirmada para esta.

Laelia lundii

Sendo a única espécie de uma secção, é de se supor que seja totalmente diferente das demais *Laelias* brasileiras, e de fato isto é verdade. As características da espécie são as mesmas da secção, o que muito facilita o trabalho de descrevê-la. Vegetativamente, é totalmente diferente de tudo que podemos encontrar nas demais secções do gênero. O rizoma é longo, e os pseu-

dobulbos são ovóides, encimados por duas folhas aciculares, carnosas e acanoadas. A coloração da planta é verde clara. As flores aparecem isoladas no tôpo dos pseudobulbos, e se projetam geralmente acima das folhas. As flores são pequenas, raramente ultrapassando os 3 cm de largura, e raramente se abrem a ponto de se aplanarem. As sépalas e pétalas são estreitas e muito semelhantes entre si, geralmente brancas ou com um "sopro" róseo. O labelo é tubular e bem aberto, algo como uma miniatura de labelo de *L. purpurata*, branco com estrias róseo-rôxas. Variedades já foram encontradas, como *coerulea* e *alba*. Vegetativamente a espécie cresce muito bem, geralmente produzindo 2 novos brotos em cada frente, e desta forma rapidamente forma touceiras, o que pode ser bem notado em seu habitat natural, onde frequentemente cobre inteiramente troncos de árvores. Sua área de ocorrência é nos Estados do Paraná e São Paulo, geralmente á beira de rios, podendo mesmo ir até o sul de Minas Gerais. Não é muito tolerante ao calor, o que deve ser observado em cultivo.

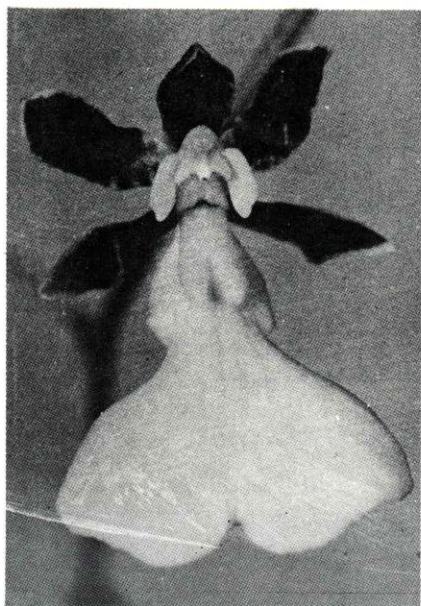
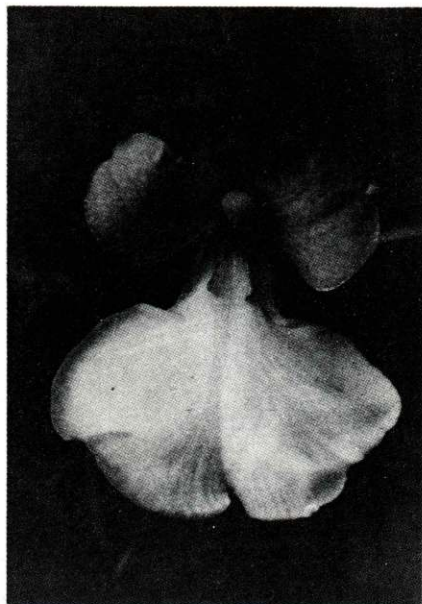
Aqui encerra-se esta série à respeito das secções brasileiras do gênero *Laelia*, um dos mais importantes horticulturalmente em nosso País. Atualmente, muito tem sido feito em termos de melhoramento nas espécies em si, principalmente da secção *Cattleyodes*, e muito resta a ser feito nas outras secções. Mesmo em termos de hibridação, muito já foi feito mas muito há ainda por se fazer, principalmente na secção *Parviflorae*. Mesmo espécies conhecidas há muito tempo, como *L. lobata*, tem muito a acrescentar em termos de vigor, hábito compacto, número de flores e colorido. Quase todas as espécies brasileiras do gênero são muito fáceis de cultivar, e mostrar como fazê-lo foi um dos objetivos principais desta série.

L. briegei:

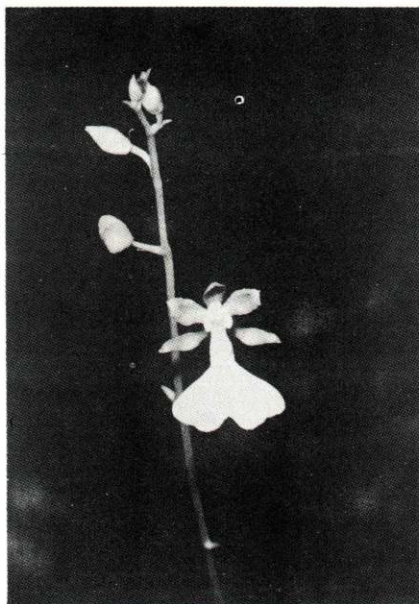
Habitat



Oncidium concolor →



↑
Oncidium gracile →



Notas sobre o gênero **ONCIDIUM**.

CARLOS E. PEREIRA¹

Dando continuidade ao tratamento das espécies e secções do gênero *Oncidium*, falaremos neste número sobre a secção Concoloria por ser esta bem próxima à secção Paucituberculata que foi tratada no número anterior. Um aspecto bastante positivo relativo a esta secção, é que as espécies pertencentes a ela produzem flôres de tamanho médio a grande para o gênero e de colorido bastante vivo e interessante.

No Brasil a secção Concoloria é representada por apenas quatro espécies :

- O. concolor Hook.
- O. dasytyle Reich.f.
- O. gracile Lindl.
- O. ottonis Schltr.

Estas espécies, como as espécies da secção Paucituberculata, possuem pseudobulbos agregados ao longo do rizoma, conspicuos, ou seja de tamanho proporcional ao tamanho da planta, normalmente com duas folhas em seu ápice. Elas produzem inflorescências não ramificadas com número limitado de flôres, raramente atingindo à casa das duas dezenas.

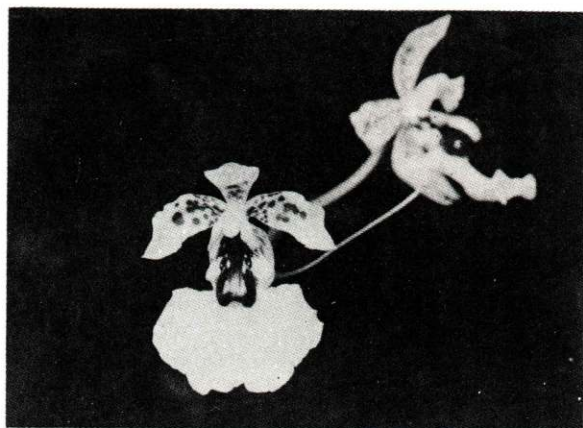
Uma característica bem marcante desta secção é que suas flôres apresentam labelo sem lobos laterais, contendo em seu disco um número par de calos com formato de pequenas quilhas.

As suas espécies são epífitas, isto é, crescem sobre árvores, com exceção do *O. gracile* que cresce sobre rochas.

O. concolor - pseudobulbos e folhas de colorido verde forte com flôres amarelo vivo e imaculado bem de acordo com o nome da espécie. (concolor = de uma só cor). Sépala dorsal ereta e as laterais escondidas atrás do labelo e soldadas em sua base. Pétalas largas e voltadas para frente em um ângulo tal que dá a impressão de um par de orelhinhas. Habitat: serras do Rio de Janeiro ao Rio Grande do Sul e Minas Gerais.

O. dasytyle - pseudobulbos e folhas de colorido verde claro apresentando o pseudobulbo, na maioria das vezes, uma folha basilar, isto é, uma folha que nasce lateralmente a sua base, envolvendo um de seus lados e de onde brotará a inflorescência. Sépa

¹R. São Clemente, 398/907, Humaitá, Rio de Janeiro.



Oncidium dasystyle

las e pétalas cor de marfim manchettato de marrom-arroxeadado. A sépala dorsal é côncava voltada para a frente e as laterais escondidas atrás do labelo e soldadas até quase o seu ápice. Pétalas ligeiramente voltadas para frente. Labelo cor de marfim tendo a calosidade um colorido púrpura escuro. Em alguns raros exemplares o colorido é amarelo brilhante em vêz de marfim. Habitat: serras do Estado do Rio de Janeiro.

O. gracile - pseudobulbos e fôlhas de colorido verde claro, sendo as fôlhas bastante rijas. Uma peculiaridade desta espécie é que quando suas fôlhas se secam continuam presas ao pseudobulbo sendo retiradas somente por corte. Sépalas e pétalas eretas de colorido brique e labelo amarelo vivo fazendo um bonito contraste. Habitat: pedreiras do Estado de Minas Gerais.

O. ottonis - com hábito vegetativo e flôres semelhantes ao *Oncidium concolor* esta espécie é considerada por muitos como uma mera variedade da outra. Entretanto existem algumas diferenças sensíveis entre as duas: o formato das flôres, a presença de estrias marrom-avermelhadas nas sépalas e pétalas e a existência de um calo acessório lateralmente a cada uma das duas quilhas do disco do labelo. Habitat: o mesmo do *O. concolor*.

Híbridos de Cattleyas Brasileiras e seus Híbridores . 1

ÁLVARO PESSÔA¹

Quem deveria escrever sôbre este assunto era, obviamente, Rolf Altenburg e não um orquidófilo com apenas doze anos no ramo. Saiba porém o leitor que toda a tenacidade do editor e dos membros do conselho editorial desta revista, foram inúteis diante da negativa adamantina de nosso patriarca em escrever ou mesmo falar sobre seus mais de 30 anos de experiência em hibridação, e que vai permanecer escondida sob a sua indisfarçável modestia e timidez.

Resta, portanto, trilhar as listas de prêços da Florália, pinçar um ou outro fragmento de suas conversas ou de informações de seus amigos mais próximos, o que por ele foi feito, e tentar, então, montar o travejamento deste trabalho. Isto porque a história da hibridação de orquídeas no Brasil tem dois períodos: pré e pós Rolf Altenburg. Todo orquidófilo de verdade precisa saber disso.

Ao mesmo tempo é impossível falar em hibridação sem falar de pessoas e híbridores, bem como das comunidades orquidófilas a que pertenceram. O trabalho intelectual é sempre produto de um grupo e hibridação, sobretudo bem sucedida, é sem dúvida um trabalho de conhecimentos científicos e intelectuais. No fundo do desafio para criar, existe latente a competição e só estando envolvido com orquidófilos de alto nível, haveria estímulo para Rolf Altenburg produzir o que produziu.

Já vê o ilustre leitor que vou desenterrar um baú de ossos falando de algumas pessoas que só conheço de ter ouvido falar, através do depoimento de Fernando Arlindo Parga, que viveu esta época. Além disso há o trabalho metódico, sério e tenaz de Luiz Mendonça que publicou uma revista "Orquídea", de padrão internacional, durante anos a fio. Minha esperança é que nosso associado e fundador Francisco Carvalho e Silva, que também viveu esta época áurea da orquidofilia, conte a estória, ou a história, com mais detalhes. Por ora vou tentar fazer o melhor que posso.

Bem sei que ao eleger Rolf Altenburg para centro deste trabalho, já posso estar granjeando vários inimigos e sendo certamente acusado de sicofanta. Enfim, são riscos de quem tem coragem de expor sua opinião.

¹R. Uruguai 508/102, Tijuca, RJ.

Não desconheço, por exemplo, o extraordinário trabalho do Dr. Walter Haetinger, que em matéria de *L. purpurata* e *C. intermedia* é o responsável pelo que de melhor existe (e é imbatível) no seu Rio Grande do Sul. Haetinger porém, embora tenha atingido metas que fixou quarenta anos atrás, como conseguir florir uma *C. intermedia* aquinada coerulea e outra *C. intermedia* aquinada alba (que obteve no ano passado) circunscreveu seu trabalho ao desejo de seus conterrâneos gaúchos. Trabalhou apenas com intermedias e purpuratas.

Também tomei ciência das cruzas de Waldemar Silva da qual sobressai altaneira a SLC. Riffe 'burlingame', tão linda e tão nossa conhecida. Seria injusto não citar, ainda, os trabalhos de autofecundação e cruzas de Jorge Verboonen, mais ou menos na década de sessenta e os de Paulo Ewald de Santa Catarina.

Mais recentemente, como é óbvio, a lista aumentou e temos Aldomar Sander no Rio Grande do Sul, Sumio Nakashima e Sebastião Nagase em São Bernardo, Noboru Suzuki em Dracena e Adhemar Manarini em Campinas; os Wentzel pai e filho e Aniel Carnier em Rio Claro, Johnny Suzuki em Itaquera, Amândio Pinho em Cotia e Alfredo Pinto em São Carlos, e um ou outro hibridador que posso ter esquecido, o que fará recair sobre mim sua ira eterna. Humildemente peço, portanto, desde já, minhas desculpas pela omissão, que se deve antes ao desconhecimento do que ao descrédito.

Já se vê, desta lista de hibridadores recentes, que o eixo da atividade deslocou-se, como quase tudo no Brasil, para São Paulo, entrando o Estado do Rio de Janeiro, na mais violenta decadência em matéria de hibridação artesanal ou em número de orquidófilos ativos. Não deixa de ser aliás um paradoxo, que as maiores casas comerciais do Brasil, o Binot e a Florália, estejam estabelecidas no Rio de Janeiro e aqui, muito recentemente, tenha se estabelecido a Aranda, que tem vocação para crescer.

Quem tem dúvida sobre a decadência da orquidofilia amadorística no Rio, deve examinar os mapas de venda da Florália. Em quanto São Paulo, Minas Gerais, Rio Grande do Sul e outros estados federados decolam em vendas, nosso Rio de Janeiro fica cada vez mais para trás. Do expressivo número de outrora, atingiu-se até bem pouco a estagnação, fato que a Orquidário vem procurando analisar para corrigir.

Voltando ao tema das hibridações, um capítulo especial deve ser dedicado ao conjunto de orquidófilos de alta categoria, que formava o grupo de importadores de matrizes, que verdadeiramente oxigenou a orquidofilia brasileira estimulando o trabalho de hibridação. Formavam verdadeiramente uma elite, lutaram juntos contra a mediocridade e levaram a orquidofilia brasileira, ainda nos anos cinquenta, a um nível que nunca mais voltou a ter. Basta folhear velhos números da revista "Orquídea" para constatar o fato. Artigos em inglês. Redação esmerada. Domínio absoluto do português e completo apuro.

Para entender a que nível pode chegar a mediocridade, deve o ilustre leitor saber, por exemplo que, nesta época, um grupo de orquidófilos brasileiros se opunha a julgamento, nas exposições, de espécies brasileiras conseguidas por cruzamento pela mão humana. Plantas para serem julgadas, deveriam ser retiradas

da floresta. O resultado é que se compravam "seedlings" dos orquidários comerciais, para colocar na floresta e adquirir a aparência adequada, sendo então "coletados".

Ora, se isto já era um enorme entrave à atividade de produção de espécies brasileiras, imagine-se a repulsa à hibridação e aos colecionadores de híbridos. Porque se existe uma coisa desagradável, hoje e sempre, é ouvir a cantilena de um colecionador de espécies praguejando contra um colecionador de híbridos. Pior, só a mesma coisa às avessas, isto é, o amante de híbridos criticando o de espécies.

Foi no início dos anos cinquenta que Guilherme Guinle, Sylvio Armbrust, Rolf Altenburg, Fernando Parga, José Dias Castro e outros, começaram a ir buscar na Bélgica, Inglaterra, Estados Unidos, Colômbia e outros centros avançados da orquidofilia mundial, matrizes cujos nomes hoje soam familiares, como a "Bow Bells", a "Edgard Van Belle", a "memória Crispim Rosales", a "Anzac", a "Sam Soya", a "Norman's Bay", a "Lindores" e outros híbridos para desenvolver a hibridação. Na mesma linha, as primeiras percivalianas, as trianaei, as chocoensis, as mossiaes e as gaskellianas.

Consigne-se, porém, que o ambiente orquidófilo no Rio de Janeiro, e sobretudo em Niterói, era então muito propício a que o "hobby" se expandisse, exposições de excelente nível ocorressem, e o mercado se ampliasse. Em primeiro lugar havia apoio integral do Diretor do Jardim Botânico, Campos Porto, neto do orquidólogo Barbosa Rodrigues. Ademais, pessoas de real poder econômico e bom gosto praticavam a orquidofilia, valendo citar, entre outros, Fausto Bebiano Martins da Cia. White Martins; José da Veiga Soares, com sua estupenda coleção de purpuratas em Areal, dedicando-se a industrialização de bacilos lácteos; Guilherme Guinle, que graças a Deus não assistiu ao que fizeram das plantas que doou ao Jardim Botânico; e o próprio Rolf Altenburg então controlador da Panquímica. A seu lado lutavam orquidófilos de extremo bom gosto: Agostinho Moreira; Dr. Moacyr Santos, médico de Macaé, ainda vivo e sua esposa D. Isaura, que dá o nome a C. labiata orlata 'Isaura'; Afrânio Silva Jardim que dirigiu a SBO e Luiz Schara, também ex-presidente, cujo filho vez por outra visita a Orquidário; Sylvio Armbrust; Allan Mackay, ainda vivo em Teresópolis; Harry Hagen; Hugo Porto pai do nosso Esdra Porto, de Maricá; D. Wanda Bartholdy, cuja casa ao lado do Palácio do Ingá, de tão linda foi tombada, cheia de Van das em suas árvores, e que foi um dos alicerces da transformação da Sociedade Fluminense de Orquidófilos em Sociedade Brasileira, visando adquirir projeção nacional; Guido Pabst, a maior perda da orquidofilia nacional; João Saturnino de Souza, Eduardo La Rocque e outros.

Quando este grupo se articula - e os velhos exemplares da revista "Orquídea" mostram bem isto - a preocupação com a cultura de boas plantas, a qualidade das exposições, o bom gosto e sobretudo o cuidado com a forma e o estilo do que se publica, atingem um nível equivalente ao europeu ou ao norte-americano. Para começar eram todos homens de alto nível e sabiam escrever corretamente a língua mãe, sem falar de sua alta estatura moral e desprendimento. O que é o mínimo que se pode esperar de um líder.

Por outro lado, na mesma época, São Paulo tinha não apenas alto nível de orquidofilia, mas também de orquidologia. Hoehne, Dreyfus, Decker, Brieger são apenas alguns dos nomes que marcaram a orquidofilia nacional com suas publicações. Todavia, não se nota nos grandes centros da orquidofilia, tanto nesta época áurea como hoje em dia, um bom entrosamento entre os hibridadores comerciais e os botânicos, de forma a evitar erros primários.

De certo modo, sabia-se muito pouco sobre genética, cromossomos, dominância de cores, falso albinismo, compatibilidade da dimensão das flôres a cruzar, impossibilidade da dominância de algumas cores sobre as outras, como o vermelho sobre o amarelo etc...ou melhor, os botânicos e orquidólogos sabiam muito sobre estes assuntos, o problema é que não se conseguia estabelecer um casamento entre eles e os hibridadores, o que ainda ocorre hoje. Hoehne, Dreyfus, Decker, Pabst nunca estiveram interessados em cruzas ou híbridos, mas apenas em espécies. Salvo para cinco ou seis casas comerciais, das quais sobreviveram duas de grande porte, o Orquidário Binot e a Florália, o "hobby" orquidófilo sempre foi um divertimento. A venda de plantas um tema "tabú" para o simples colecionador. O interesse comercial por parte do colecionador era (e é) visto com um misto de desprezo e pena. Isto é um erro, mas infelizmente é assim que se comporta a falsa nobreza.

Ademais, segundo o depoimento de Jorge Verboonen, que aliás espelha a tendência mundial, a orquidofilia brasileira esteve não apenas concentrada em espécies, mas sobretudo concentrada em variedades da espécie e, dentro delas, tendências a forte concentração em albinismo. Durante décadas, buscava-se a planta alba, até se obter a divisão desejada. Os exemplares da revista "Orquídea" dos anos cinquenta e sessenta, demonstram esta tendência, não apenas nos anúncios, mas também no elogio das coleções onde houvesse elevado número de espécies albas.

Não foi sem razão, portanto, que os hibridadores e em especial, Rolf Altenburg tenham procurado produzir, a partir de cruzas ou autofecundação, espécies albas e híbridos albinos. Os anúncios publicados na revista "Orquídea", em 1952 e 1953, pelas casas comerciais M. Passos Silva, de Santos - São Paulo e Silva e Simões, de Petrópolis, já mostram um elevado número de ofertas de plantas albas, híbridas e naturais, em meio às ofertas gerais.

Esta busca do albinismo está revelada, por exemplo, nos catálogos dos anos cinquenta e sessenta da Florália. A hoje bastante conhecida Bc. Turandot resultante da cruzada alba C. Bob Betts com Bc. Pastoral alba, que se havia previsto ter descendência de albinos, terminou gerando predominância de lindos coloridos, entre os quais os clones 'Araraquara' e 'Guaxupé', hoje meristemados e acessíveis à compra.

Todavia, muitas vezes, como se obteve na cruzada 1350 da Florália (C. gaskelliana alba X C. eldorado alba) X C. warneri, ou como em C. Stella Polaris (C. Meige X C. Bob Betts) ou ainda em C. Rubens Ribeiro, as dominâncias genéticas foram albinas e os albos foram obtidos.

O problema com a obtenção de albinos, que frequentemente frustrava o hibridador, é que a forma albina das espécies, reveste-se das características genéticas de dominância ou recessividade. Alguns clones albinos são comprovadamente dominantes e, quando autofecundados, produzem filhos também albinos. É o que ocorre com *C. labiata* alba 'Angerer', *L. purpurata* alba 'Elias' e outros. Quando, porém, uma planta alba é geneticamente recessiva, tanto em autofecundação como em cruzas, ela geralmente produz filhos novamente coloridos. A cruz, aliás, acentua esta tendência, porque os elementos que faltam na ordem cromossômica de uma planta (e a fazem albina) têm alta probabilidade de serem completados pelo da outra, daí a frequente frustração de quem cruza duas albas e obtém, sem entender porque, produtos coloridos, o mesmo se verificando com duas coeruleas ou duas semi albas.

Segue no próximo número

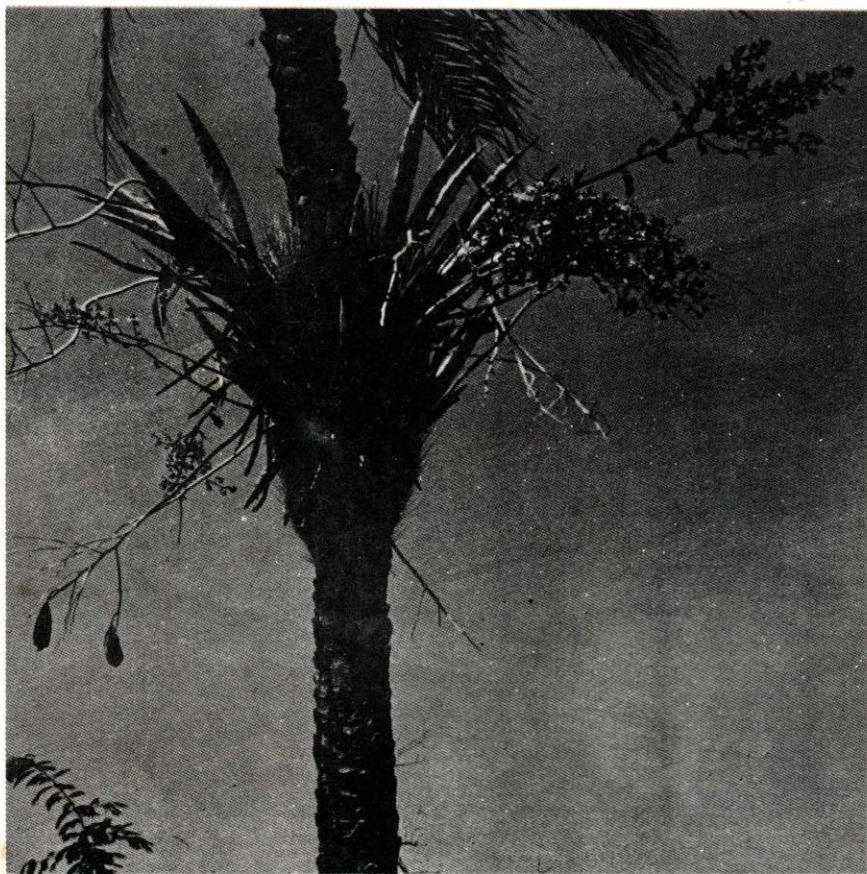


ARANDA

ESPÉCIES BRASILEIRAS — HÍBRIDOS — PAPHILOPEDILUMS

VISITE NOSSAS ESTUFAS

Aranda - Plantas, Pesquisa e Comércio Ltda.
Estrada do Quebra Frascos S/Nº - Teresópolis - RJ



Cyrtopodiums estão entre as orquídeas predominantemente brasileiras que florescem no terceiro trimestre do ano. De fato, quase todas as espécies deste gênero quase que exclusivamente brasileiro florescem nesta época. Entre as espécies mais robustas e ornamentais, temos *Cyrtopodium saintlegerianum*, que com suas grandes flores amarelas e marrons, colore os cerrados da região central do Brasil, que nesta época apresentam as árvores sem folhas. Esta espécie é uma das poucas epífitas no gênero.